

BILHETE

14. 11. 55

NOVA YORK, novembro (Pela Varig) — Você me pede notícias daqui, e não me manda nenhuma daí. Não tenho visto jornais nem revistas do Brasil; preguiça de ir até a Varig, que é onde a gente arranja essas coisas. Mas confesso que não estou aillito por causa disso: é bom descansar um pouco do Brasil.

Além do mais, pelo que sei, tudo por aí vai bem. Pelo menos o país deve estar nadando em ouro: de outro modo não nomearia tantos politicalhos inúteis e chicharros conhecidos para a delegação que vem à ONU. Nessa hora é que tenho pena dos verdadeiros diplomatas e técnicos, os que dão duro numa assembléia internacional como essa, enquanto êsses egrégios pára-quadistas vão se divertir na Broadway. É fácil falar mal do Itamarati, onde há realmente muita gente fútil e vã; mas é preciso levar em conta que isso há por toda parte, e como os quadros da carreira são muito reduzidos o que acontece é que a turma do trabalho tem de se desdokrar. Conheço alguns dêsses que levam suas funções a sério, e penso nêles com tristeza quando ouço alguém dizer que «a turma do Itamarati não faz nada». Deve ser melancólico, para êles, a companhia, em uma delegação como essa que vem agora para aqui, de alguns cavalheiros perfeitamente inúteis cuja única virtude é ter conquistado a simpatia do alegre senhor Juscelino ou de algum general mandante. É de amargar.

Sim, é verdade, estou gostando muito de Nova York, e ainda nem tive coragem de ir até Washington abraçar o Mauri, a Clarice e o Vale; mas pelo telefone eu soube que êles vão bem. Esbarrei aqui com o Lúcio Costa, com seus grandes bigodes e suas duas bonitas filhas. Um antigo instituto daqui, o «Person's School of Design» entregou-lhe solenemente uma honrosa medalha pela sua atuação como «guia espiritual da arquitetura brasileira moderna, para a qual contribuiu com seus trabalhos e seus escritos».

Há centenas de brasileiros zanzando por Nova York, mas tenho saído mais com o nosso Reinaldo Dias Leme, que está casado com uma simpática peruana, vive numa casinha linda onde se come bem e se ouve os melhores discos do país. Na parede vi uma pequena paisagem de bom gosto; fui ver quem era o autor, e era o dono da casa mesmo. Sabia que o Rey fazia poemas, mas não lhe conhecia essa prenda de pintar, que lhe invejo muito mais.

Sim, a cidade é boa, e como disse um mineiro muito sóbrio de expressões que andou por aqui, «tem o comércio bastante desenvolvido». Amanhã lhe mandarei notícias do que vai por esta formosa ilha. Até lá.